

DE00972014RL/RCMC
Director:
Francisco Figueiredo
Semanário Regional
Quinta-feira,
27 de Abril de 2023
Ano: 110 | N.º: 5905

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

A dar notícias desde 1913

5.ª F ☁️ 9° 27°	6.ª F ☀️ 8° 25°	Sáb. ☀️ 8° 20°	Dom. ☀️ 7° 23°
2.ª F ☀️ 9° 27°	3.ª F ☀️ 11° 28°	4.ª F ☀️ 11° 28°	☀️ 06:55 h ☀️ 20:16 h

UCRÂNIA

Maioria dos refugiados
trabalha
ou estuda
Pág. 3

COVILHÃ

Marchas
vão contar
com dez grupos
Pág. 3

PANASQUEIRA

Centro
interpretativo
até final do ano
Pág. 4

MANTEIGAS

Empresários querem
mais pressão
pela Nacional 338
Pág. 17

FUTEBOL

"Leões da Serra"
perdem e jogam
"final" no Jamor
Pág. 19



ANA RIBEIRO RODRIGUES

INCÊNDIOS

Pág. 6

MUNICÍPIOS CONTESTAM RELATÓRIO



CONCALO POÇO

D
COVILHÃ
CITY: OF
DESIGN

PUBLICIDADE

**SOMOS PELA ESCRITA LIVRE.
SEM ACORDOS. EM BOM PORTUGUÊS.**

**NOTÍCIAS
DA COVILHÃ**

EDITORIAL

O JOGO É DO POVO?!



FRANCISCO FIGUEIREDO
DIRECTOR

Por muita joalheria que exibam, por muito dinheiro que injectem, por muitos clubes que comprem, a bola continua a pertencer-nos

Vila Franca das Aves. O nome bem pode sugerir um lugar onde se abatem e degolam galináceos, ou mesmo um de tantos que compõem a extraordinária, imaginativa e infindável lista de nomes de vilas e aldeias de Portugal. Como A-da-Gorda, ou Vila Pouca de Aguiar, por exemplo. Não é disso que se trata. Vila Franca das Aves, pode muito bem vir a ser o nome por que será conhecido o novo clube de futebol português. Clube, será uma força de expressão. Equipa. Houve um tempo em que o Vilafranquense era dos vilafranquenses. Adeptos. Depois, passou a Sociedade Anónima, que não tendo estádio para jogar, subiu a Rio Maior. A ligação ao clube do Cevadeiro foi-se esfumando, e a solução foi esticar a corda e partir para longe. Para muito longe. De Vila Franca, para Vila das Aves. Levando tudo. Jogadores incluídos, claro. Os aficionados ribatejanos ficaram sem futebol, e os de Aves, que estavam sem clube, passam a apoiar a equipa que chegou do Ribatejo. Fácil de entender, não?! Quando surgiu, o futebol arrebatou paixões. Os japoneses já o jogavam em forma de Kemari, há mais de mil anos. E os chineses, há bem mais, praticavam o Cuju, considerado por muitos o precursor do jogo dos nossos dias. No Japão, como na China, o que eles queriam era chutar a bola. E afinal, não é o que nós queremos ainda hoje?! Se não formos nós, que seja alguém a



chutar no nosso lugar. Queremos ver - como faziam milhares de ingleses que ainda no século XIX enchiam os estádios - e participar. E que chutem bem essa bola.

Não nos tirem esse gozo, não nos afastem dos estádios, não nos digam que o jogo não é nosso. Nosso, e de quem o joga. Dos que chutam a bola. Chamam-se jogadores. E que apesar das "fitas" constantes, e das "quedas para a piscina", continuam a ser os obreiros da poda. Que jogam em qualquer lado. Sobretudo na rua. É lá que

o futebol mora. Foi lá que nasceu. Na rua. O campo não é uma caixa de jóias, que ao abrir-se mostra uma bailarina rodando sobre si, ao som de um tinóni qualquer. E em seu redor, os supostos donos do jogo, anónimos, tirando da caixa os seus belos cachuchos em tinta dourada, colares de contas redondas de vidro, e pregadeiras de pedras quase nunca preciosas.

Por muita joalheria que exibam, por muito dinheiro que injectem, por muitos clubes que comprem, a bola continua a pertencer-nos. A nós, às nossas famílias e aos nossos amigos.

É com eles que vamos "à bola". Como se viu na passada semana, quando 45000 encheram Alvalade, ajudando o seu clube, a tentar derrotar o adversário italiano, ou como, olhando em nosso redor, percebemos como o treinador do Sporting da Covilhã faz constante alarde de ter "connosco os nossos adeptos". Não se iludam, por muito dinheiro que escorra, por muitas sociedades que se formem, por muito que o futebol "seja uma indústria", o jogo, tal como ainda o conhecemos, não sobrevive sem massa humana.

FICHA TÉCNICA

Notícias da Covilhã – Semanário Regional

DIRECTOR Francisco Figueiredo | COORDENAÇÃO Ana Ribeiro Rodrigues (C.P. 4639) | EDIÇÃO João Alves (C.P. 3898) | PAGINAÇÃO Rui Delgado | REDACÇÃO Carolina Bicho Fernandes, Beatriz Correia (jornalistas estagiárias) | DESIGNER Francisca Caetano COLABORADORES André Amaral, António Pinto Pires, António Rodrigues de Assunção, Assunção Vaz Patto, Carlos Madaleno, Filipe Pinto (foto), José Avelino Gonçalves, Pedro Seixo Rodrigues | CORRESPONDENTES João Cunha (Paul), Maria de Jesus Valente (Erada) e Rui F. L. Delgado (Teixoso) | IMPRESSÃO FIG – Indústrias Gráficas SA – Rua Adriano Lucas, 3020-265 Coimbra; SEDE DO EDITOR (Contabilidade, publicidade, redacção e administração) Notícias da Covilhã – Rua Jornal Notícias da Covilhã, 65 R/C; 6201-015 Covilhã | PROPRIETÁRIO Gold Digger, Lda.; DISTRIBUIÇÃO Notícias da Covilhã | N.º DE REGISTO 101753 | N.º DEPÓSITO LEGAL 513502/23 | TIRAGEM 6 mil exemplares (semana) | TELEFONE 275 035 378 | CONTACTOS geral@noticiasdacovilha.pt, redacao@noticiasdacovilha.pt, comercial@noticiasdacovilha.pt

110
ANOS

COVILHÃ



REFUGIADOS DA UCRÂNIA

MAIORIA A TRABALHAR OU ESTUDAR

Apenas três das 49 pessoas acolhidas não se autonomizaram

ANA RIBEIRO RODRIGUES

A Câmara da Covilhã faz um balanço "muito positivo" da Missão de Acolhimento Covilhã - Ucrânia, que

completou um ano, e informa que das 49 pessoas recebidas apenas três ainda não se conseguiram autonomizar.

Segundo a vereadora com o pelouro da Ação Social, Regina Gouveia, 12

Dez refugiados estudam na UBI, seis no curso de Medicina

pessoas estão a frequentar o ensino superior, dez delas na Universidade da Beira Interior e, dessas, seis no curso de Medicina.

Os restantes refugiados acolhidos no Tortosendo, no Seminário do Verbo Divino, arrendado pelo município, encontram-se a trabalhar e "estão autónomos em residências no concelho", acrescentou a autarca.

Os três refugiados ao cuidado do município, atualmente a viverem na Casa Municipal de Emergência até a autarquia conseguir "finalizar este processo", tiveram essa dificuldade "quer pela sua idade mais avançada, quer por dificuldades linguísticas que não conseguiram superar", explicou Regina Gouveia, durante a reunião pública camarária de dia 21.

"Passámos a uma fase seguinte, que é mantermos o apoio a estas pessoas, mas numa casa, que é de emergência, e com um prazo, para que consigamos concretizar uma autonomização específica ou especial para estas pessoas", acrescentou Regina Gouveia.

Para já, o município continua a assumir as despesas com a alimentação dos três cidadãos sob a tua alçada. "Estamos a prepará-los para a autonomização neste contexto de habitação, mas o objetivo é que possam ser autónomos também a esse nível", referiu a vereadora, que acentuou a "estratégia muito articulada e integrada com múltiplas entidades" para que a missão pudesse resultar.

De acordo com Regina Gouveia, o Seminário do Verbo Divino não deve ser mantido, por ser "uma estrutura pesadíssima para o município, não só em termos financeiros, mas de recursos humanos".

DEZ PARTICIPANTES

MARCHAS SAEM À RUA DIAS 17 E 24 DE JUNHO

■ As Marchas Populares da Covilhã saem à rua nos dias 17 e 24 de junho com dez participantes, um número recorde, salientou o vereador com o pelouro do Associativismo, José Miguel Oliveira, no final da reunião pública da autarquia, dia 21, onde foi aprovado um apoio de quatro mil euros a cada grupo, num total de 40 mil euros.

O Moto Clube da Covilhã Lobos da Neve e a União de Freguesias do Teixoso e Sarzedo são as novidades,

num ano em que se regista o regresso do GIR do Rodrigo e do GER Campos Melo, acentuou o autarca.

No dia 17, devido às obras na Avenida Frei Heitor Pinto, o habitual percurso, entre o Campo das Festas e o Pelourinho, vai sofrer alterações.

O vereador destaca a importância da iniciativa no dinamismo e na forma "como mexe" com as coletividades durante os meses que antecedem as duas apresentações, a segunda no Complexo Desportivo.

O Académicos dos Penedos Altos, Oriental, GER Campos Melo, GIR do Rodrigo, Águias do Canhoso, Mata, Vitória de Santo António, Junta do Tortosendo, Lobos da Neve e o Teixoso/Sarzedo são as marchas participantes.

Este ano participam também marchas convidadas, a anunciar, e a autarquia espera que cerca de dez mil pessoas assistam aos dois desfiles de "um dos eventos mais característicos e populares do nosso concelho".

Ana Ribeiro Rodrigues



Iniciativa conta com número recorde de participantes.

COVILHÃ



MINAS DA PANASQUEIRA

CENTRO INTERPRETATIVO MINEIRO ATÉ AO FINAL DO ANO

Intervenção no antigo refeitório ronda os 500 mil euros

ANA RIBEIRO RODRIGUES

O Centro Interpretativo Mineiro deve estar terminado até ao final do ano. É essa a previsão da Câmara da Covilhã, que, em conjunto com o município do Fundão, avançou com uma candidatura ao Turismo de Portugal

que inclui a intervenção no antigo refeitório dos mineiros, na Barroca Grande, no valor de meio milhão de euros.

Segundo o vereador com o pelouro do Turismo, José Miguel Oliveira, o edifício vai ser remodelado e transformado num espaço museológico e centro interpretativo, para funcionar em complemento ao Museu Mineiro e aos três percursos pedestres já criados para “criar produto” e mais um “polo de atração” numa zona “com

muitas potencialidades”.

O autarca salientou existir cada vez maior procura quer na área do turismo industrial, quer mineiro. “Tendo nós uma das maiores minas da União Europeia, um complexo mineiro com um património histórico fantástico, não podíamos descurar isso”, realçou.

Segundo José Miguel Oliveira, a reabilitação do antigo refeitório é “o primeiro passo” e “há outros projetos na calha”.

ESTACIONAMENTO

FREGUESIAS CONTRA MAIS LUGARES PAGOS

■ O “total desacordo” com o aumento “exponencial dos lugares tarifados na zona urbana da cidade”. Foi isto que a União de Freguesias de Covilhã/Canhoso (UFCC) expressou na passada semana, em comunicado, mostrando estar contra esta opção da Câmara, não só na Zona Histórica, mas também nas zonas da Estação, Avenida da ANIL e Alameda Europa. A autarquia recorda que a Câmara, no âmbito do seu Sistema de Mobilidade, concessionou a gestão do mesmo à empresa Transdev, pelo período de 10 anos, estando já a rede de transporte rodoviário a funcionar sob a nova concessão e outras vertentes ainda “em fase de preparação ou discussão”, sendo que, no caso do estacionamento tarifado, de duração limitada, “existe já um regulamento geral, do qual nos foi dado conhecimento.”

Após análise ao mesmo, a Junta mostra o seu “total” desacordo pois entende que a cidade e as suas artérias “devem ser dos covilhanenses, dos residentes, dos comerciantes e de todos quantos aqui estacionam, porque residem, trabalham ou ali se deslocam para procurar comércio e serviços.”

Segundo a autarquia, as isenções apresentadas “estão longe de defender os interesses dos moradores e comerciantes” e defende que o estacionamento à superfície “deve ser gratuito.”

REDACÇÃO



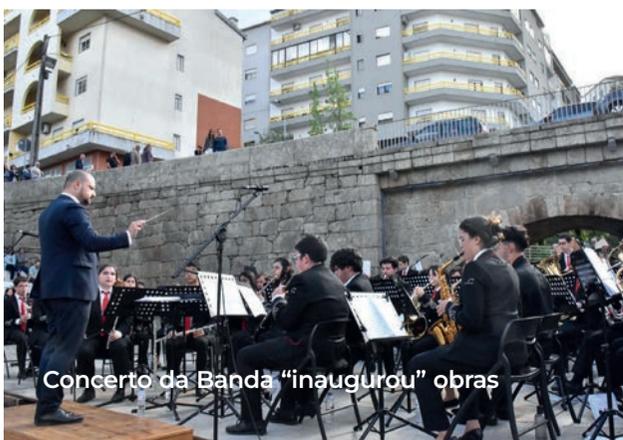
REQUALIFICADO

ANFITEATRO MARTIN-IN-COLO JÁ RECEBE ESPECTÁCULOS

■ O concerto “Alma Beirã”, protagonizado pela Banda da Covilhã e com a participação das Adufeiras da Casa do Povo do Paul, a tuna “Já BUBI E Tokuskopus”, marcou no

último sábado, 22, a reabertura de um espaço cultural na Covilhã, o anfiteatro Martin-in-colo, que já apresentava alguns sinais de degradação e que a Câmara da Covilhã requalificou.

O município investiu cerca de 80 mil euros na substituição das madeiras existentes por um material mais resistente às intempéries e ainda, na renovação de muros e estruturas existentes.



Concerto da Banda “inaugurou” obras

COVILHÃ



ANA RIBEIRO RODRIGUES

NO ANTIGO ORFEÃO

NOVO CONDOMÍNIO ASSOCIATIVO ACOLHE SEIS ASSOCIAÇÕES

Chaves são entregues no sábado, 29. Segundo a autarquia, espaço vem dar resposta à falta de sede de seis associações

ANA RIBEIRO RODRIGUES

O Condomínio Associativo II, nas instalações do antigo Orfeão, no centro da cidade, vai acolher seis associações, que recebem as chaves no sábado.

A Câmara da Covilhã aprovou na reunião pública de dia 21 a cedência do espaço à Academia de Patinagem da Covilhã, ao Agrupamento 1034 do Corpo Nacional de Escutas, à delegação da Cruz vermelha, aos Guardiões da Serra da Estrela, à Penhasol - Associação de Amigos das Penhas da Saúde e à Quarta Parede.

Parte do edifício, onde funcionou o Conservatório de Música da Covilhã,

está arrendado pelo município desde maio do ano passado, por 1800 euros mensais, por um período de quatro anos, renováveis.

O vereador com o pelouro do Associativismo, José Miguel Oliveira, informou que o Condomínio Associativo, “apesar da sua distância ao centro, está totalmente preenchido” e o novo espaço “vem dar resposta a seis associações”.

“Ainda temos associações a precisar de sedes e, portanto, temos de começar a procurar espaços para elas”, sublinhou José Miguel Oliveira.

Segundo o vereador, “é um espaço central, é um espaço emblemático, é um espaço que era o antigo Orfeão, dividido entre o Orfeão, que vai manter algumas salas, e as salas que estão cedidas à Câmara Municipal”, frisou o vereador.

O auditório do edifício fica disponível para todas as associações do concelho, que o podem utilizar também como sala de reuniões.

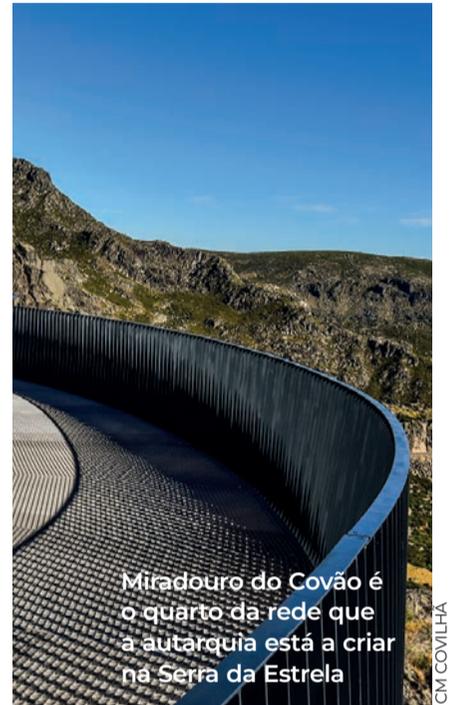
QUARTO MIRADOURO

AS VISTAS DO COVÃO

REDACÇÃO

■ A Câmara da Covilhã inaugurou no passado sábado, 21, o novo Miradouro do Covão, que integra a Rede de Miradouros da Serra da Estrela.

Localizado no Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), no sentido ascendente da estrada EN 339, a nova estrutura resulta de uma requalificação que implicou a introdução de uma plataforma suspensa, projectando-se sobre o vale para que “os visitantes possam ter as melhores condições para a fruição de uma paisagem arrebatadora” explica a autarquia em comunicado. “O Miradouro do Covão permite ao visitante sentir-se suspenso sobre a natureza, acima do solo, desenvolvendo sensações simultaneamente de comunhão com a natureza que o envolve e de levitação, enquanto desfruta da paisagem” adianta ainda a edilidade. Que espera que este espaço crie memórias e sirva de referência na vivência da própria Serra. A rede de miradouros já tem quatro locais de contemplação: o Miradouro dos Piornos, Varanda dos Carquejais, Miradouro do Alto dos Livros e agora o Miradouro do Covão.



CM COVILHÃ

PUBLICIDADE

5•6•7
MAIO'23
Alcains
Castelo Branco

Portugal
Cheese
Festival Alcains
Castelo Branco

ENTRADA GRATUITA

CONFERÊNCIAS · EXPOSITORES
SHOWCOOKINGS · CONCURSO DE QUEIJO
GASTRONOMIA · CONCERTOS
E MUITA ANIMAÇÃO

Realizado na emblemática vila de Alcains, conhecida pelos seus saborosos queijos, o Portugal Cheese Festival contará com um programa de conferências e palestras, áreas de exposição e comercialização de queijo e outros produtos tradicionais, assim como espaços de lazer dedicados à gastronomia e à música.

Esperamos por si em Alcains!

SERRA DA ESTRELA

INCÊNDIO DE AGOSTO

MUNICÍPIOS CONTESTAM RELATÓRIO

Segundo Flávio Massano, presidente da Câmara de Manteigas, há cinco concelhos que estão a preparar uma contestação conjunta ao relatório elaborado pelo grupo de peritos

JOÃO ALVES

Os municípios de Manteigas, Gouveia, Celorico da Beira, Guarda e Covilhã estão a preparar uma contestação conjunta ao relatório dos peritos convidados pelo Governo a avaliar os grandes incêndios rurais do Verão de 2022, entre os quais o gigantesco fogo que lavrou na Serra da Estrela entre 5 e 23 de Agosto. O anúncio foi feito na última quarta-feira, 19, durante a reunião do executivo de Manteigas, quando confrontado por um município sobre as conclusões mais gerais do documento.

Recorde-se que os peritos concluíram, entre outras coisas, que terá sido uma manobra de um helicóptero, que recolhia no local do fogo uma equipa de bombeiros, que fez “perder o controlo” do violento incêndio que em Agosto do ano passado dizimou mais de 24 mil hectares de mato e floresta na Serra da Estrela, tendo atingido seis concelhos da região. Segundo o relatório, o incêndio estaria “quase a ser resolvido” quando “a manobra de um helicóptero para recolha da sua tripulação provocou uma reactivação do fogo, transpondo as chamas para a encosta contrária, causando um episódio de comportamento eruptivo que fez perder o controlo da situação”. O documento conclui ainda que “é possível que esta manobra, para além de ter reavivado o fogo, tenha provocado focos secundários para a vertente oposta da encosta”.



Autarca de Manteigas diz que incêndio foi uma situação “bem mais complexa” do que o descontrolo de um helicóptero

Flávio Massano, salvaguardando que não era fácil falar sobre o documento, por este ser extenso e ainda não ter sido avaliado na sua plenitude, lembrou que o mesmo foi elaborado “por profissionais, académicos, especialistas, que saberão mais que nós”, mas anunciou a preparação, por parte dos municípios, de uma “contestação” ao documento. “Não concordo com o que está lá vertido. Estamos a preparar uma contestação conjunta. Quem esteve no terreno sabe que o incêndio foi uma situação bem mais complexa do que o descontrolo de um helicóptero” frisa o autarca. Nuno Soares, vereador do PSD, concorda com o chefe do executivo. “Culpar o helicóptero e a

equipa helitransportada por aquilo que aqui se passou, não sei se não é até um bocadinho gozarem connosco. A minha primeira reação, quando li aquilo, foi rir-me. Não me parece uma conclusão séria” afirma. O documento, publicado na página da Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF), acrescentava que a manobra do helicóptero deveria ter acontecido numa zona diferente, “mais afastada do perímetro do incêndio, sobretudo longe daquela zona que estava mal consolidada e com uma linha de água por perto.”

Os peritos dizem que o fogo que lavrou intensamente entre 5 e 23 de Agosto terá sido o sexto maior ocorrido em Portugal desde que há memória. e que esta foi uma ocorrência de “difícil gestão”, não apenas pela humidade muito baixa que os combustíveis apresentavam, como pela orografia desfavorável típica de uma região de montanha, mas sobretudo pelo forte vento que se fazia sentir. Além disso, o relatório salienta ainda que a “falta de acessos” foi um factor determinante para que o incêndio “tivesse tomado as proporções que tomou”, sobretudo nos três primeiros dias.

PUBLICIDADE

CARTÓRIO NOTARIAL DE MANTEIGAS A CARGO DA NOTÁRIA CÉLIA MARIA LOPES ESPINHO CERTIDÃO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada hoje, exarada de folhas trinta e uma a folhas trinta e duas verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Trinta e Cinco-B, deste Cartório, **ANTÓNIO ABRANTES DAVID** e mulher, **PATROCÍNIA LOPES QUARESMA DAVID**, casados sob o regime de comunhão geral, ambos naturais da freguesia de Manteigas (São Pedro) concelho de Manteigas, residentes na Rua de Santo António, n.º 200, Manteigas, vieram justificar por não possuírem título, o direito de propriedade com exclusão de outrem, sobre o seguinte prédio:

- **Um sexto indiviso** do prédio **RÚSTICO**, sito nas **Rabitas**, freguesia de Manteigas (São Pedro), concelho de Manteigas, composto de terra de cultura de batata e ferrejo,

- descrito na Conservatória do Registo Predial de Manteigas sob o número **noventa e quatro**, da referida freguesia, sem registo de aquisição em vigor quanto ao sexto que ora pretendem justificar, com registo de aquisição de um terço indiviso, em comum e sem determinação de parte ou direito, a favor de Maria da Graça David de Carvalho Rebelo, casada com Carlos Manuel Bento Rebelo sob o regime de comunhão de adquiridos, Maria de Jesus Abrantes David, viúva e de Rosa David de Carvalho Martins e marido, Fortunato Quaresma Martins, casados sob o regime de comunhão geral, pela apresentação 1 de 24/03/2006,

- inscrito sob o artigo **252**, da matriz respetiva, um sexto em nome de Albino Simões de Carvalho, um terço em nome de herdeiros de José Ascensão, um terço em nome de “Romeu Martins de Carvalho - Cabeça de casal da herança de” e um sexto em nome de “António Jesus Lopes da Rosa, - Cabeça de casal da herança de”, com o valor patrimonial e atribuído correspondente à fracção de **catorze euros e sessenta e oito cêntimos**.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Manteigas, 18 de abril de 2023.

A Oficial de Registos,

(Helena da Conceição Clara Neves Viegas)

“Não concordo com o que está lá vertido. Estamos a preparar uma contestação conjunta.”

COVILHÃ

OPINIÃO

DIA MUNDIAL DO LIVRO

UBI FEZ “LER SOBRE CARRIS”

Universidade levou livros a passageiros que viajaram de comboio entre Covilhã e Lisboa

FRANCISCO FIGUEIREDO

Uma forma divertida e inovadora de celebrar o Dia Mundial do Livro. Com oferta de livros, com leituras, e com conversas. E um dos lugares onde podemos desfrutar da companhia de um bom livro, do prazer da leitura, e ainda de uma boa conversa, é sem dúvida, um comboio em movimento. Sobretudo se a viagem for longa, e a viatura ferroviária apresentar os mínimos em questões de conforto.

Haja livros e comboios. Foi o que pensaram na UBI e na CP, e vai daí surgiu o projecto Ler Sobre Carris. Celebrar o Dia Mundial do Livro, que em abono da verdade são todos, e do mesmo modo, aproximar os passageiros de uma longa viagem de comboio, do prazer da leitura.

Ligando Covilhã a Lisboa, com ida e volta. Cada viagem demora um pouco mais de três horas, e para quem gosta de uma boa companhia, o livro é, na maioria das vezes, e por diversos motivos, a solução para momentos de prazer. E este percurso, realizado durante um dia solarengo é ainda mais apropriado, porque o leitor/passageiro pode alternar a vista entre as páginas do seu livro e as verdejantes e belas paisagens junto às calmas e frescas águas do Tejo, por onde, durante largos quilómetros, os carris serpenteiam.

A iniciativa teve lugar na última sexta-feira, e consistiu na oferta de várias obras seleccionadas, fornecidas por particulares, Porto Editora e Pingo Doce, mais de uma centena, aos viajantes do Intercidades, que ligou a cidade serrana à capital. Devidamente aconselhados por dois técnicos da biblioteca da Universidade da Beira Interior, Luisa Silveiro e João Videira, que não se pouparam a esforços para

proporcionarem bons momentos de leitura. Os passageiros elogiaram o evento, reagindo com espanto pela oferta de livros durante a viagem. As obras tinham uma grande variedade temática, desde exemplares infanto-juvenis, ensaios, de auto-ajuda, e romances de autores consagrados.

Momentos únicos, quando uma senhora encontrou um livro que há muito procurava, e as crianças no chão da carruagem, folheando os seus livros.

Tratou-se por isso de uma oportunidade bem aproveitada por muitos para desfrutarem da companhia de um bom livro que puderam levar consigo, e um evento criativo, resultado da parceria entre a UBI e a CP, com o claro intuito da promoção da leitura, do conhecimento e da cultura. Em jeito de rodapé, o Notícias da Covilhã, que pediu boleia à Universidade, e fez-se representar junto às obras de literatura, com exemplares da sua última edição impressa. Para a UBI, foi uma aposta totalmente ganha, e para repetir.

TRABALHAR PARA DESCONSTRUIR MENTALIDADES FASCISTAS

ANTÓNIO CAMPANUDO
MEDIADOR
INTERCULTURAL



Era uma vez um país que não tinha Liberdade de Expressão, nesse país existia censura e não se podia falar abertamente contra o Governo. Um país chamado Portugal. Graças à Revolução dos Cravos, obtivemos muitos benefícios e oportunidades. A comunidade cigana, sai um pouco mais aliviada por parte de uma sociedade racista e regime fascista. Os ciganos daquela época obtiveram um pouco de mais alívio, apesar de ainda hoje sermos considerados uma comunidade minoritária, que, a cada dia, luta pelos mesmos direitos de igualdade, como o direito ao trabalho, como qualquer cidadão português, e também à saúde e educação. A liberdade para o cigano é ter as mesmas oportunidades e responsabilidades, como qualquer cidadão de bem pode ter. Nos dias atuais, somos criticados porque a grande maioria não trabalha, pois sempre que tentam procurar trabalho é-lhes negado o seu acesso, por sua aparência, forma de falar, ou mesmo a forma de se vestir. Em Portugal existem mentalidades e conceitos que ainda precisam ser trabalhados diariamente, pois ainda olham para os ciganos como se estivessem no tempo dos burros. Felizmente, tive acesso rápido ao trabalho, dado trabalhar como mediador municipal e intercultural num projeto do município da Covilhã, em que as principais entidades parceiras são a Coolabora e Beira Serra. Existem muitos jovens ciganos que se formam em Portugal, e muitos já formados. Entre os ciganos, temos ciganos/as juizes, advogados, GNR, empresários, donos de grandes estabelecimentos, e comerciantes de automóveis, engenheiros, doutores, e outros que tentam viver dignamente com os mesmos direitos de trabalho. Ser cigano não é motivo de vergonha, mas sim de orgulho! Tenho 28 anos. Sou também pastor evangélico, e vivo feliz por fazer parte de uma geração de ciganos que trabalham diariamente para desconstruir mentalidades fascistas.

A liberdade significa, para mim, viver em condições dignas, com liberdade de expressão de tradições, sem que essas mesmas sejam interpretadas de forma errada ou depreciativa pela sociedade maioritária. Não se pode mudar o conceito de uma pessoa pela sua pronúncia ou crença religiosa. Mas sinto ainda uma espécie campo de concentração ideológico, em pleno século XXI, que quase nos parece querer aniquilar.

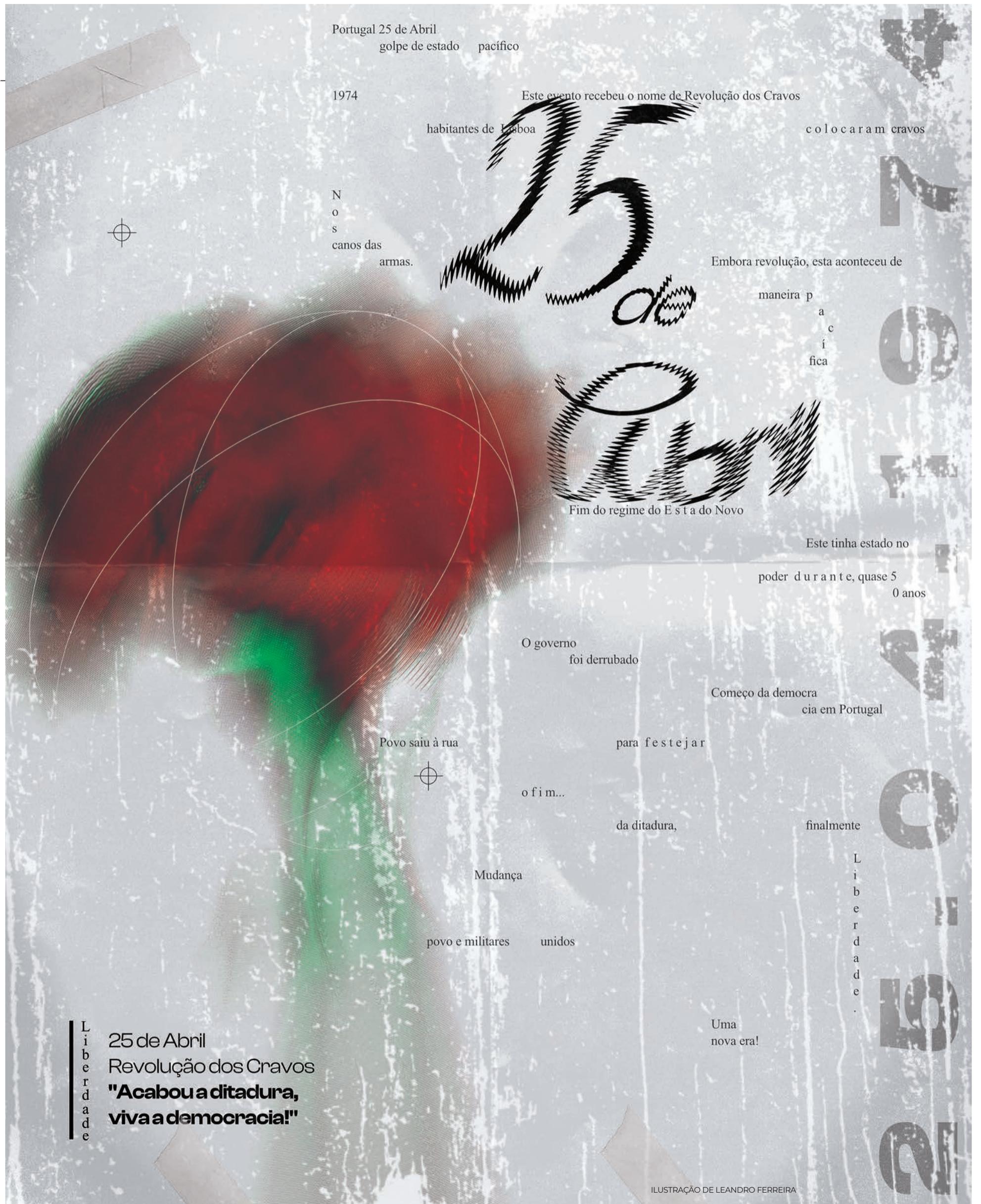
Para a liberdade alcançar é preciso caminhar e lutar todos os dias.



Iniciativa levou todos a ler, dos mais velhos aos mais novos

FRANCISCO FIGUEIREDO

Haja livros e comboios. Foi o que pensaram na UBI e na CP, e vai daí surgiu o projecto Ler Sobre Carris



ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS

OPINIÃO

25 DE ABRIL SEMPRE!

AFONSO GOMES
FUNCIONÁRIO
NA UBI /PS



Escrever sobre o dia 25 de abril de 1974, é sempre um exercício de enorme responsabilidade, sobretudo pela importância histórica que este dia representa na mudança do paradigma do nosso país, através das conquistas que advém da *Revolução dos Cravos*.

No entanto, é sempre um ato tão estimulante e enriquecedor quanto necessário, sobretudo para jovens como os da minha geração, que deste dia tão importante herdaram a liberdade e felizmente não conhecem outra forma de viver em sociedade.

Hoje, passados 49 anos deste dia feliz, na minha opinião é fundamental enquadrar o conceito de liberdade em duas dimensões: no tempo e no espaço.

Por definição, a palavra *liberdade* assume um leque de vastos significados que, simplificando, representam o ato de ser livre em todas as dimensões da vida, desde que essa liberdade não atente contra a de terceiros.

No entanto, enquadrando o conceito na dimensão do tempo, somos confrontados com

outras tónicas relevantes para a sua evolução contextual.

Será alguém verdadeiramente livre, com uma condição socioeconómica frágil?

Naturalmente poderá expressar-se como bem entender, no entanto, a sua liberdade de escolha encontra-se condicionada por esta limitação, deixando apenas de ser a liberdade de expressão a única grande bandeira da palavra.

Em suma, pode dizer-se que a liberdade é o princípio de tudo, mas não se esgota a ela própria.

Refletida a perspetiva da evolução do conceito no tempo, poderíamos refleti-lo também no espaço, olhando a diversos exemplos por este mundo fora, numa comparação que atualmente é banal, mas com a qual antes de 1974 nem sequer era permitido sonhar. Chegaríamos certamente à conclusão de que a conceção de liberdade é diferente em vários pontos do globo.

Finalizando, sinto que a minha geração valoriza a herança deixada pela revolução e é preciso que essa valorização perdure no tempo.

Embora noutros contextos, há que continuar a garantir as liberdades conquistadas, assegurar a continuidade do progresso social, honrar os valores que abril nos deixou e continuar a lutar por cumpri-los.

Manter a chama de abril viva nas futuras gerações, é o grande desafio de Portugal e dos Portugueses.

AGRADEÇO A ABRIL

SUSETE FERREIRA
COORDENADORA
DE SEGURANÇA
EM OBRA / CDS



25 de Abril de 1974, um momento histórico singular e efémero, que é uma data importante para Portugal e para mim:

Para Portugal, porque quebrou um ciclo político e social, eliminou um regime e estabeleceu um novo tempo.

Como todos os processos, não foi – nem é, ainda – um caminho fácil. Um país pluralista tem sempre tensões entre diferentes ideias para o futuro, como gerir os problemas de hoje, e como avaliar a história que nos trouxe até aqui.

A revolução abriu as portas à democracia, que a meu ver deve ser um regime de soluções conversadas, onde os governantes devem possuir um grande sentido de responsabilidade e respeito pelos outros, pela oposição e pelos que não concordam com ele.

Face ao atual momento político e social que estamos a viver, eu pergunto se o 25 de Abril da liberdade e igualdade não estará a atravessar um mau momento. Sinto que a atitude atual não é uma atitude de abril. Vejamos, a título de exemplo, o caminho sinuoso que os professores estão a percorrer. Uma classe tão importante na educação de gerações, que tem um papel crucial na libertação de mentalidades para uma sociedade mais justa, tolerante e ávida de conhecimento.

A educação é uma das principais armas de combate às desigualdades e potenciadora de evolução social e tem de ser mais respeitada ou arriscamo-nos a que as gerações futuras não saibam viver um novo 25 de Abril, se tal for necessário!

Para mim, porque me permitiu chegar aos 40 anos e, além do meu papel familiar, sentir que sou uma cidadã individualmente considerada, com acesso à educação e formação continua, com tratamento digno e reconhecimento profissional, com liberdade de escolha, participação e decisão.

Por tudo isto e por poder partilhar estas palavras, expressar sem medo as minhas convicções, agradeço a Abril.



ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS

OPINIÃO



“O 25 DE ABRIL TAMBÉM É DIA DE SÃO MARCOS”

CARLOS MADALENO
HISTORIADOR



O município do Fundão realizou, uma vez mais, no dia 25 de abril, a feira de São Marcos. É assim desde que o homem tratava por tu as pedras, as plantas, os animais, o fogo, o tempo, o dia, a noite e as estrelas. É assim desde quando ainda havia fontes santas e montanhas sagradas, desde quando os dias santos marcavam o calendário agrícola e a rotina do quotidiano. São Marcos era o santo da Primavera, do renascer da natureza, as suas festividades, em especial no Alentejo, incluíam a bênção do gado e o amansar do toiro, miraculosamente pela crença do povo, cuja entrada solene na Igreja era seguida por toda a população. Por cá, nas Beiras, a ligação aos toiros foi mantida. No dia de S. Marcos, quando numa família havia crianças irrequietas, hiperativas dizemos hoje, eram deitadas em cima do altar da Igreja e proferida a seguinte oração: “Ó meu divino S. Marcos que amansais os toiros bravos, amansai este menino pior que mil diabos.” Refere ainda outra velha oração que “Sete toiros bravos, encontrou São Marcos/em sete cordeiros de lã os tornou/Torne Deus em belo o feio/ e abençoe o pobre que rico ficou”.

Na Covilhã de 1734, São Marcos tinha ainda direito a solene ladainha que percorria as igrejas da então vila. Trinta anos depois,

encontravam-se ainda de pé as ermidas que possuía no Teixoso e em Peraboa e de que restam apenas, um singular cruzeiro, no Teixoso e duas belas esculturas.

São Marcos, um dos quatro evangelistas, discípulo de Paulo e Pedro, é na arte representado por um dos tetramorfos, de inspiração apocalíptica, o leão alado, símbolo do início do seu evangelho, “a voz que rugia no deserto”, alusão a João Baptista. Da sua vida pouco se conhece, emaranhando-se numa só personalidade a existência de outras três - Marcos, primo de Bernabé, Marcos o Evangelista ou ainda João Marcos, citado no “Atos dos Apóstolos”. Existem ainda autores que o identificam como, o serviçal que levou a água para as bodas de Canã, o rapaz que correu nu, quando Cristo foi preso, ou o homem que transportou a água para a Última Ceia. Julga-se ter sido o primeiro bispo de Alexandria, onde foi martirizado e onde ficaram depositadas as suas relíquias, pelo menos até ao século IX. Por volta de 826, data em que as relíquias foram roubadas, escondidas entre carne de porco, e levadas para Veneza, onde tem basílica e é padroeiro. Outra versão diz que o cavaleiro templário, Gualdim Pais, as trouxe para Braga e repousam numa das mais bonitas arcas funerárias, mandada fazer por D. Rodrigo Moura Teles, no que foi o Hospital de São Marcos.

Até 1 de Maio, o museu de Arte Sacra da Covilhã tem patente ao público a imagem de São Marcos originária da ermida que existiu em Peraboa, porque a religiosidade popular é mais que religião, é a compreensão da sociedade que fomos e da sociedade que somos.

“LIBERDADE: QUANDO PARA TODOS?”

RAUL PEREIRA
ASSOCIAÇÃO
DE DEFICIENTES



Quando falamos de liberdade, a invocação da Declaração Universal dos Direitos do Homem é inevitável, porque é baseada nos princípios da solidariedade, da justiça, da fraternidade e do humanismo. Tem na sua génese um conjunto vasto de direitos que nos dá ou devia dar esperança para a construção de uma sociedade inspirada nesses direitos e princípios, mais integradora, que não exclui nenhum membro.

Em 1948 reconheceu a dignidade intrínseca de todos os membros da família humana, da igualdade e inalienabilidade dos seus direitos como o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Declara que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos dotados como são de razão e consciência, tem de comportam-se uns para com os outros com o espírito fraterno”. Declara ainda que “todos os seres humanos podem invocar os direitos e liberdades sem distinção alguma nomeadamente raça, cor, de sexo, língua, religião, opinião política ou outra...”.

Quando a Declaração Universal dos Direitos do Homem foi escrita tinha como objetivo assegurar que as atrocidades nazis não se repetiam nunca mais. Apesar de entender que os direitos humanos e civis continuam a ser violados sistematicamente nos mais variados acontecimentos, continuo a manter o sonho que é o meu, e penso que de muitos, na construção de uma sociedade alicerçada nos valores da solidariedade, da justiça da fraternidade e do humanismo que os considero válidos, únicos e atuais.

O filósofo Aristóteles definia a liberdade baseada na possibilidade de realizar escolhas pela vontade, mas deveria estar sempre acompanhada pelo conhecimento que possibilita uma amplitude nas escolhas tornando a pessoa humana mais livre na busca do seu objetivo: a felicidade.

Assim, o conhecimento nunca pode estar desvinculado da liberdade. Quanto mais conhecimento a pessoa possui, mais a liberdade é a liberdade, mas quando para todos? Que o 25 de abril continue sempre presente e lembrado por cada um de nós.

ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS

O NC VAI À ESCOLA

ANTIGO PRISIONEIRO POLÍTICO CONTA O QUE CUSTOU A LIBERDADE

José António Pinho foi encarcerado várias vezes por motivos políticos e foi protagonista na Covilhã antes e após o 25 de Abril. Vivências que vai transmitir aos alunos

ANA RIBEIRO RODRIGUES

José António Pinho, empresário covilhanense de 83 anos, esteve detido em várias prisões civis e militares durante o Estado Novo, por motivos políticos, entre as quais o Forte de Peniche e Caxias. Foi torturado pela PIDE durante sete dias, sujeito à “estátua”, até tombar no chão, em Coimbra. Foi um interveniente direto na resistência à ditadura e também no pós-25 de Abril.

Assim como fez desde a adolescência, continuou a ser interventivo civicamente, depois de deixar a militância política, nomeadamente no associativismo. Nos últimos anos, iniciou um trabalho de preservação da memória, que se vai diluindo no tempo, e escreveu sete livros, cinco deles em que relata o que era viver com as amarras de um Estado repressivo e as suas atividades clandestinas para combater o antigo regime, as dificuldades em que vivia a maioria da população, a ausência de direitos ou as suas experiências enquanto prisioneiro político e as arbitrariedades de que foi alvo.

Foram muitos os que fizeram sacrifícios para que hoje se possa viver em liberdade, num regime democrático, para que se possam expressar sem serem punidos por delito de opinião. E é para que as sombras do fascismo não sejam esquecidas que José António Pinho não se furta a dar o seu testemunho.

Esta quinta-feira, 27, o ex-prisioneiro político desloca-se, com o Notícias da Covilhã, à Escola São



ANA RIBEIRO RODRIGUES

Domingos, do Agrupamento A Lã e a Neve, para contar aos alunos a sua história, responder às suas questões e explicar que os 48 anos de ditadura tiveram consequências muito concretas nos cidadãos, na sociedade e que a Revolução dos Cravos é muito mais do que um conteúdo programático do manual escolar.

Para o diretor do Agrupamento A Lã e a Neve, a iniciativa enquadra-se na lógica da escola ser “um espaço vivo, onde as aprendizagens

não são feitas apenas na sala de aula”. Ter “o privilégio de receber na escola alguém que viveu de perto, e tão envolvido, acontecimentos tão marcantes para a vida de Portugal e para a democracia é bastante enriquecedor” para toda a comunidade escolar, professores e alunos, salienta Ricardo Silva.

Ter um relato na primeira pessoa de quem viveu ativamente o que se lê nos livros, ter contacto direto com quem sofreu as consequências de

José António Pinho deseja que se saiba ter apreço pelo que foi conquistado e se perceba o que mudou na paisagem social do país com a democracia

lutar pela democracia, ouvir episódios que se passavam nas ruas do concelho, mas que possivelmente desconhecem, “é extremamente importante, até porque vão ter um conhecimento relativamente à nossa história diferente do que é transmitido na sala de aula”, enfatiza o diretor da escola.

“Terá para eles, com certeza, um impacto mais importante em termos das aprendizagens”, acentua Ricardo Silva.

ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS

FUNDADOR DO GAC

A CANTIGA É UMA ARMA PARA ANTÓNIO DUARTE

ANA RIBEIRO RODRIGUES



Unhaense percorreu o país no PREC a cantar ao lado de músicos como Fausto, Afonso Dias ou Zé Mário Branco

ANA RIBEIRO RODRIGUES

A cantiga é uma arma e, durante quase um ano, António Duarte, natural de Unhais da Serra, fez uso dela e percorreu parte do país integrado no Grupo de Ação Cultural (GAC), de que foi um dos fundadores, ao lado de Fausto, José Mário Branco e outros músicos e cantores, para, entre maio de 1974 e março de 1975, levar ânimo e mostrar solidariedade com os trabalhadores que se manifestavam, em todos os setores, no período revolucionário.

Durante quase um ano, até

terminar o serviço militar na Escola Prática de Transmissões, em Lisboa, onde estava na madrugada do 25 de Abril e onde ficou trancado uma semana, para assegurar as comunicações, António Duarte, hoje com 71 anos, perdeu a conta às vezes que subiu a palcos improvisados, todos os fins de semana, para atuar para trabalhadores em protesto por melhores condições, fosse em fábricas, herdades ou oficinas.

“Tudo o que eram greves, manifestação política a favor dos trabalhadores, nós estávamos lá com esta arma pacífica. Os trabalhadores reuniam-se em plenários e nós cantávamos. Queríamos passar a mensagem para se organizarem, se juntarem e lutarem por direitos, por bens sociais”, recorda o unhaense, durante essa fase com uma licença militar para o efeito.

No seu caso, tinha o vencimento

de alferes-miliciano, Zé Mário Branco já era um músico muito conceituado, a maioria tinha outras profissões e, embora fossem sempre “recebidos em festa”, eram

apenas pagos com comida e alojamento nesse período do Processo Revolucionário em Curso (PREC), “um tempo de alguma anarquia natural”, durante o qual os partidos se queriam afirmar e, “por pouco, se criavam divisões”.

Adriano Correia de Oliveira saiu para se associar ao PCP. A casa de Zeca Afonso, em Setúbal, era ponto de passagem quando se deslocavam, mas o cantor nunca se juntou ao GAC. “O Zeca dizia que era o seu próprio comité central. Ele não estava ligado a ninguém e estava ligado a todos, era solicitado diariamente”, sublinha António Duarte, que no coletivo tocava guitarra clássica e fazia segundas vozes.

“Esse período só me deu despesa, mas há coisas que o dinheiro não paga. Vim mais rico. Deu-me uma experiência e conhecimento no aspeto musical, no aspeto humano

“

Tudo o que eram greves, manifestação a favor dos trabalhadores, nós estávamos lá”

ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS



Embora questione muito do que observa na classe política, continua a “levar Abril” a escolas, cadeias, lares de idosos e tertúlias, em Portugal e no estrangeiro

Após uma semana a assegurar as transmissões na Graça, onde foi ligado, pelas linhas do elétrico, um cabo ao Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, na Pontinha, saiu de jipe com os colegas no 1.º de Maio a fazer rondas a “foi uma emoção tremenda” atravessar a primeira manifestação, com gente a extravasar o que esteve contido durante 48 anos de ditadura. “Não há palavras que descrevam o que foi viver aquele dia”, enfatiza o músico, que viu a lona do veículo metida adentro, com o entusiasmo, mas também teve um pai a pedir ao militar para beijar a cabeça do filho bebé.

Em Unhais da Serra, António recorda as muitas pessoas que emigravam ilegalmente, “com passaporte de coelho”, e isso só se comentava em surdina; do medo ao ver uma farda da GNR; do ambiente de opressão; das eleições fraudulentas e, por ouvir a Rádio Portugal Livre e ter acesso a livros proibidos, que os irmãos mais velhos lhe faziam chegar, tinha consciência política.

Quando terminou o serviço militar, regressou aos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Covilhã, onde trabalhava antes, e terminou a aventura no GAC – Vozes da Luta, onde se cantavam canções uns dos outros e “A Canção é Uma Arma”.

Nunca deixou a música e ainda tentou criar em Unhais da Serra um grupo musical com o mesmo estilo, sem sucesso. Mais virado para as baladas, acabou a integrar o grupo de sucesso Sequência e esteve mais desligado da música de intervenção.

Amigo de vários músicos, mais

tarde convidou Zeca, Fausto e um grupo de teatro de Almada para virem à sua terra animar as gentes com músicas do “canto popular”. A primeira paragem foi no Sanatório, onde estavam centenas de pessoas vindas na ponte aérea das antigas colónias, descontentes com a sua instável situação e, frisa António Duarte, de diferentes fações políticas nos países de onde chegaram.

O unhaense pediu que não se falasse em política e, assim que Zeca Afonso começou a cantar Milho Verde, alguém gritou não querer ali comunistas. Para evitar atritos, abandonaram as instalações e não terminaram a atuação.

No dia seguinte, em Unhais, onde Zeca já tinha estado a convite da LUAR, “foi uma festa”. Cantaram à tarde no salão paroquial e “foi um acontecimento”. Depois desceram a pé a avenida até à mercearia do pai de António Duarte e ficaram à conversa numa vila onde o cantautor se sentia bem.

António Duarte ficou surpreendido quando recebeu um telefonema de Zeca no período de doença, a dizer-lhe que gostava de passar uns dias

em Unhais da Serra, mas o guitarrista, que também dá “uns toques no piano”, tinha acabado de casar, não tinha carro, não tinha condições para o receber e ficou até hoje com essa mágoa, conta.

Zé Mário Branco dizia não ter metido o barco ao mar para ficar pelo caminho e António realça o salto que o país deu em vários aspetos, embora o incomode muito do que observa e questiona como antes, em que era gasto tanto dinheiro na guerra, a população passasse mal e hoje, com a ajuda dos milhões comunitários, a sociedade não viva de forma mais equilibrada. “Há qualquer coisa que está mal”, acentua.

Aposentado da EDP, António Duarte não perdeu o espírito de outros tempos, ainda que tenha passado quase meio século. Além das suas composições, continua a cantar “as canções de Abril” e a “levar Abril” a escolas, residências seniores, convívios vários. Este mês esteve em Valladolid, na Escola Oficial de Idiomas a levar a sua voz aos alunos de portugueses. Também cantou para e com os republicanos espanhóis, onde, em outras ocasiões, foi convidado para a entrega de corpos de mortos da guerra civil espanhola às famílias ou assistir a exumações.

Foi “por coincidência” que acabou por participar nas operações do 25 de Abril, que lhe está colado na essência e faz questão de espalhar essa mensagem. O seu partido, vinca, “são os trabalhadores e a justiça social”. É essa a palavra, em forma de balada, que gosta de difundir, em “música que tenha sumo”.

António Duarte integrou o Grupo de Ação Cultural, coletivo autor do tema “A Cantiga é Uma Arma”

Quando já estava doente, Zeca Afonso ligou a António Duarte para passar algum tempo em Unhais da Serra



e no contacto com as dificuldades dos trabalhadores”, salienta o trovador, em tempos ligado à UDP, mas desde então “livre”, embora interventivo, e com a mesma certeza: “quem cria riqueza são os trabalhadores e têm de ser motivados, senão não há progresso”.

O músico, ainda hoje com apetência para as baladas, que aprendeu a tocar sozinho, acredita ter sido o “bom ouvido” que lhe permitiu uma boa classificação no curso de transmissões e evitou ser enviado para a guerra colonial.

Na tarde de 25 de abril temeu uma guerra civil, quando ouviu no rádio do quartel as rajadas de metralhadora à porta do Quartel do Carmo, para pressionar a rendição de Marcelo Caetano. Não sabia “a grandiosidade” do corpo da polícia política e para que lado a força podia pender.

ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS

LIBERDADE, QUERIDA LIBERDADE

**MARIA
CARDOSO**
PROFESSORA



Nasci no tempo das palavras perseguidas, estropiadas e cortadas a azul. Mas não sabia nada delas. Porque não as vivi...

Não vivi a pátria cinzenta, pobre e obediente, amarrada à terra pejada de bufos espreitando a cada esquina...

Não vivi os anos bafientos e sombrios em que o silêncio doía como uma pedra na língua, porque o medo tinha tudo, tragava qualquer assomo de liberdade, cingindo todos a uma vida decente, quietinha e castrada...

Não vivi o país mudo em que uma única voz condenava os outros ao analfabetismo abençoado, abafando

o conhecimento e a criatividade, que eram o mal maior...

Não vivi o país em que controlar, vigiar, prender, torturar, até matar eram verbos conjugáveis...

Não vivi a ditadura fascista, mas aprendi-a.

Aprendi-a nas palavras das mulheres da minha vida que desvelavam o lamento das oportunidades roubadas, da escola que nunca foi casa e que se abandonou por lides e trabalhos para combater a fome e a miséria, dos amores interrompidos e proibidos pela guerra e pelos costumes mesquinhos feitos à medida da tríade Deus, Pátria, Família...

Aprendi-a nas fotografias a preto e branco do meu pai, em Moçambique...

Não a vivi. E ainda bem. Mas aprendi-a.

Não vivi o 25 de Abril de 1974, a madrugada esperada, “o dia inicial

inteiro e limpo”, mas aprendi-o nos versos felizes de Sophia, nas palavras livres de tantos poetas, nas fotografias de Alfredo Cunha e de Eduardo Gageiro, no som dos passos militarizados que anunciam a “Grândola” do Zeca, na voz solta e irresignada de José Mário Branco, no vermelho vivo dos cravos que pintaram a Revolução, nas pinturas de liberdade de Vieira da Silva...

Não vivi o 25 de Abril de 1974! Tenho pena! Mas vivi todos os outros até hoje.

Cresci à sombra dessa claridade, consciente de que as oportunidades que tive foram fruto desse dia de alegria que abriu portas à LIBERDADE e à DEMOCRACIA.

Importa recuperar a memória dessa manhã inaugural e, já que não a podemos viver, (re)aprendamo-la! Para que não voltemos a perder: *Liberdade, querida Liberdade!*

CRAVOS

JÚLIA NICOLAU
ALUNA DO ENSINO
SECUNDÁRIO



Muitas vezes, a liberdade é reduzida ao direito que cada um tem de agir ou se exprimir como quiser, ignorando que ser livre não se resume apenas a uma vontade própria, mas também à possibilidade de escolha que nos é oferecida pelo acesso à saúde, educação, cultura e toda uma miríade de oportunidades que ultrapassam os serviços mínimos que um país tem o dever de proporcionar aos seus cidadãos.

O 25 de Abril é a maior representação de liberdade que Portugal alguma vez vai ter, nada chega mais próximo à definição da palavra do que um povo oprimido a enfrentar o seu governo fascista e opressor, que durante tantas décadas os torturou, censurou, matou e roubou, de mais do que uma forma.

A Revolução trouxe a Portugal a liberdade e justiça que o país merecia, combatendo a pobreza, as condições e direitos de trabalho precários, e a falta de acesso à educação, à saúde e à cultura, trazendo a democratização, o fim da guerra colonial e colocando, pela primeira vez em muito tempo, as necessidades do povo acima das de uma minoria.

Agora, quase 50 anos depois da Revolução, é triste dizer que não me sinto livre, pois acredito que ninguém o é enquanto as suas escolhas forem condicionadas pelas suas condições económicas e pelo que o seu país tem a oferecer.

Não me sentirei livre enquanto tiver de viver com o medo e a ansiedade de que o custo de vida irá sempre determinar as minhas escolhas. Não me sentirei livre enquanto os mesmos ideais fascistas que o Estado Novo seguia se tornam cada vez mais presentes no nosso país, principalmente entre os jovens, indo contra tudo o que a Revolução dos Cravos representa.

Tenho esperança de que consigamos evoluir para uma sociedade mais justa, mas para isso é necessário que todos, jovens e adultos, percebam que a liberdade é decisiva na democracia, que se constrói todos os dias nas palavras e atos de cada um, na reivindicação do cumprimento dos direitos fundamentais da Constituição. Quanto mais banalizarmos a liberdade, mais facilmente a perderemos.

DÁ-NOS O PODER DE ESCOLHA

**FRANCISCA
CATANHO**
ALUNA
DO 2.º CICLO



Havia sempre uma altura do ano em que a palavra liberdade estava espalhada por todo o lado: na escola, nas ruas, na televisão, até em casa. Imagens de cravos em espingardas apareciam em cartazes nas estradas onde se podia ler “25 de Abril, o Dia da Liberdade”.

Na escola, pediam-nos para fazer desenhos parecidos com as imagens dos cartazes e ouvíamos

a história da revolução de 25 de Abril de 1974, que acabou com a ditadura em Portugal e que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos, porque, em vez de balas, foram distribuídos cravos e, em vez de mortos e feridos, houve uma grande festa, cheia de alegria.

Com o passar dos anos fui aprendendo que aquela era uma data muito importante na história do nosso país, porque aquele foi o dia em que nos devolveram a liberdade. Mas, afinal, o que era isso da liberdade?

Agora, já mais crescida, sei que a liberdade era muito desejada. Naquela época, não podiam dizer o

que queriam, pensar como queriam, escolher os seus governantes, ter a sua própria opinião, com medo de serem presos.

Não consigo sequer imaginar como seria triste viver dessa forma...

Por isso é que hoje também eu acho que a liberdade é linda, pois dá-nos o poder da escolha, de ter a nossa própria opinião, em casa, na escola, na vida. Permite-nos viver a nossa vida como entendemos ser o melhor para nós!

O dia 25 de Abril de 1974 foi o dia da Revolução dos Cravos e do olá à Liberdade.

ABRIL DOS ACTOS E DAS PALAVRAS

OPINIÃO



Importância do poder local enaltecida nas comemorações de Abril

ABRIL

MARCO GABRIEL
COORDENADOR DA
BEIRA SERRA/ PCP



“A 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista. Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa. A Revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais.”

Foi com estas palavras que os Deputados Constituintes deram início ao texto da Constituição da República Portuguesa, “República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária”. (Artigo 1º da CRP)

Foi com este desígnio que Portugal pôs fim a 48 anos de ditadura fascista, que semeou a repressão, a perseguição, a prisão e a tortura, que semeou a exploração, a miséria, a fome e a guerra, que semeou a discriminação, o analfabetismo, o obscurantismo e a degradação da sociedade, constituindo-se como um dos períodos mais negros da história de Portugal.

Abril é um dos acontecimentos mais marcantes de toda a história de Portugal. Abril é revolução!

Abril são as massas populares e os Capitães de Abril, unidos na aliança Povo-MFA, que desempenharam um papel fundamental em todas as conquistas democráticas.

Abril é lembrar a intervenção determinante do Partido Comunista Português e a luta de muitas gerações de seus militantes, pela conquista do regime democrático, desempenhando na sociedade portuguesa um papel indispensável e insubstituível.

Abril é democracia, justiça e transformação. Abril é Democracia política, económica, social e cultural.

Mas Abril é também a distância que separa os seus princípios, consagrados na Constituição da República Portuguesa, da realidade que hoje vivemos. Abril são Direitos, Liberdades e Garantias.

Abril é Comemoração, Reflexão, Ação e Luta. Abril é o Futuro inevitável de um mundo melhor!

SESSÃO SOLENE DO 25 DE ABRIL

VÍTOR PEREIRA DESAFIA PARTIDOS A “DAR UM PASSO EM FRENTE”

Autarca faz analogia com militares de Abril que seguiram Salgueiro Maia e desafia à união partidária em torno do bem comum

JOÃO ALVES

Como os militares de Abril que, em Santarém, deram todos um passo em frente seguindo Salgueiro Maia pelas ruas de Lisboa, em luta pela liberdade, também as diversas forças políticas na Covilhã foram na passada terça-feira, 25, desafiadas pelo presidente da Câmara, Vítor Pereira, a darem “um passo em frente” rumo ao desenvolvimento do concelho, pondo de parte diferenças ideológicas e partidárias.

O autarca aproveitou o discurso da sessão solene comemorativa da Revolução dos Cravos para apelar à união. “Gostaria que dessemos um passo em frente, pondo de lado diferenças. Pois é bem mais o que nos une que o que nos diferencia” disse o autarca, lembrando o trabalho feito pelos executivos que liderou na última década. Vítor Pereira afirma que “nunca se pode perder a esperança e entregar ao fatalismo” e recordou os resultados alcançados nos últimos anos “para darmos um passo em frente” que, “só por maldade podem ser negados”.

O autarca assumiu que a “política de contas certas” foi uma opção

definida, que levou a uma redução do passivo em 102 milhões de euros. “É obra. E o povo sabe disso. Crescemos para podermos executar a nossa liberdade” frisa, voltando a comparar a gestão municipal aos capitães de Abril. “Salgueiro Maia soube gerir bem os seus poucos recursos militares. Fazer muito com pouco” disse. O autarca passou em revista execuções que, diz, trouxeram mais qualidade ao concelho, prometeu alocar parte dos 11 milhões de euros positivos das contas de 2022 para obras estruturantes quer na cidade, quer nas freguesias, e lamentou, enquanto político, não ter conseguido, por exemplo, inverter as “pesadas portagens” na A23 que são “tremendas para a região”. Além disso, prometeu lutar ainda pela construção do IC6 ou a criação do metro de superfície entre Covilhã e Fundão.

Pelos partidos com assento na Assembleia Municipal, Ana Branco, deputada do movimento “Covilhã tem força”, disse ser “urgente” criar condições para que “as pessoas se revejam

O autarca promete lutar pela construção do IC6

nas instituições”. “Que sejamos Abril de palavras, gestos, e sobretudo, de ações” disse.

Mónica Ramôa, do PCP, lembrou que o poder local foi criado pelo povo, e que hoje, algumas revoltas podem ser “sinal de cidadania”, não se podendo “deixar de comemorar a Primavera” de Abril. “É preciso celebrar o poder local, que hoje está ameaçado” disse.

Pelo CDS/PP, António Freitas afirmou que ainda hoje “se faz sentir o lápis azul, de diversas formas” e que quando se “hipoteca o futuro com contratos ruinosos ou políticas que não tragam desenvolvimento, envenena-se o nosso estado democrático”. O deputado venceu ainda que o futuro do Interior “carece de políticos com coragem para fazer mais”.

Vanda Ferreira, do PSD, lembrou o papel “fundamental” do poder local no desenvolvimento das regiões, disse que o seu partido “desconhece o concelho que a actual maioria diz estar em expansão e recordou todos os que “todos os anos deixam a Covilhã”, acusando alguém de “não estar a fazer bem o seu trabalho”.

Já Catarina Mendes, deputada do PS, enalteceu a “capacidade de fazer muito com pouco” por parte da maioria socialista na autarquia, elogiando a “marca” deixada pelo partido na governação municipal, de “rigor, investimento e democraticidade”.

BELMONTE

ÁGUA E RESÍDUOS

TARIFÁRIOS DEVEM AUMENTAR EM JUNHO

Autarquia mantém, para já, taxas, mas novo aumento está na calha

JOÃO ALVES

Para já, não aumentam, mas em breve, a situação será diferente. Os novos tarifários de água, saneamento e resíduos, no concelho de Belmonte, estão apenas dependentes da aprovação por parte da entidade que regula o sector, a ERSAR.

“O mais tardar, espero, em Junho, vai haver novos tarifários. Não posso manter os tarifários que tenho” adiantou na última sexta-feira, 21, ao NC, o presidente da Câmara, António Dias Rocha.

Há 15 dias, na reunião privada do executivo, tinha sido ratificado o despacho de manutenção dos tarifários para 2023, mas por diversas vezes o presidente da Câmara, António Dias Rocha já avisara que tal iria mudar, até tendo em conta que há municípios que não pagam o serviço à autarquia. “Espero que o nosso

personal responsável pela manutenção da rede, dos contadores, faça o seu trabalho. Não podemos continuar a ter as perdas que temos e temos que pedir sacrifícios. Vamos aumentar, mesmo ficando abaixo dos valores aqui da região” lembra o autarca

belmontense.

Esta é a terceira vez nos mandatos de Dias Rocha que o preço vai aumentar. Em 2015, o preço do metro cúbico de água no escalão1 subiu pela primeira vez de 20 para 28 centimos. No escalão 2, de 38

Autarquia mantém taxas de água e resíduos para 2023, mas novo aumento está para chegar

para 43,70 centimos. No escalão 3 passou de 65 para 74,75 centimos e no escalão 4 de 1,26 para 1,44. As tarifas aprovadas para o saneamento foram então de 25,70 centimos por metro cúbico (escalão1), 39,33 (escalão2), 67,28 (escalão3) e 1,30 (escalão4). Quanto às taxas de resíduos sólidos urbanos eram de 1,70 para domésticos, 2,80 para entidades públicas, autarquias e colectividades e de 3,50 para as actividades económicas.

Em 2019, a autarquia actualizou de novo os tarifários. Na água, o escalão 1 passou de 28 para 30 centimos, o escalão 2 de 43,70 para 58,56 centimos, o escalão 3 de 74,75 para 1 euro e 50 centimos, e o quarto escalão de 1,44 para 3,68 euros. Há vários descontos para famílias numerosas, idosos, jovens ou bombeiros voluntários. As tarifas aprovadas para o saneamento foram então de 27,74 centimos por metro cúbico (escalão1), 52,70 (escalão2), 1,35 euros (escalão3) e 3,32 euros (escalão4). Quanto à taxa de resíduos sólidos urbanos era fixa, de 2,96 euros.

Dias Rocha lembrou já por diversas vezes que Belmonte tem dos tarifários mais baixos do País, mas há quem nem pague. Há dois meses, a autarquia identificou mais de 200 contadores para cortar, mas o aviso terá surtido efeito. “Felizmente, não tem sido necessário cortar. Apelo às pessoas que paguem. Quando são avisadas do corte, vêm pagar, e a grande maioria está a regularizar as suas situações” garante.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

EMPRESA MUNICIPAL

CONTAS NEGATIVAS PELO TERCEIRO ANO CONSECUTIVO

■ A Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte (EMPDS) terminou o ano de 2022 com um saldo negativo de 111 mil euros, o terceiro saldo negativo consecutivo.

Se, em 2020 e 2021, o reflexo das contas teve muito a ver com a pandemia (resultados negativos de 98 e 110 mil euros, respectivamente), que afectou a actividade turística no concelho, em 2022 os números mostraram um

relatório “que ainda não é o que queríamos e desejávamos” explica o presidente da Câmara de Belmonte, António Dias Rocha. Que está ciente que novas contas no “vermelho”, face à lei, poderiam levar mesmo à extinção da empresa. “Sabemos disso. Mas não estou preocupado. Não pode (a empresa) ter três anos negativos, logo, 2023 é que já não pode ser negativo (2020 não contará face à covid-19). Estou confiante que com o trabalho daqueles que lá estão no dia a



Empresa municipal é responsável pela gestão da rede de museus do concelho

dia, e no empenho que temos tido na promoção e divulgação de Belmonte, as coisas mudem” diz o autarca.

Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, as visitas aos museus, geridos pela Empresa, subiram cerca de 40 por cento, o que para o autarca é um bom indicador. “Temos encomendado um projecto de turismo, que pode ser uma ajuda, para catapultar em termos de receitas turísticas. Espero que de 2022 a 2023 haja aumento também na ordem dos 40 por cento” frisa Dias Rocha, que acredita que no final do ano o saldo seja já positivo.

O relatório de contas foi aprovado por maioria, com a abstenção do vereador da CDU, Carlos Afonso, que se mostra a favor da “extinção da empresa. “Em 2022 ainda falarmos da pandemia já não faz sentido” frisa, lembrando que o défice até subiu. O vereador diz ainda que se “podiam poupar os 31 mil euros que estamos a gastar na administração”.

MANTEIGAS

REABERTURA DA NACIONAL 338

EMPRESÁRIOS DISPONÍVEIS PARA NOVAS FORMAS DE LUTA

Grupo de empresários foi à reunião do executivo pedir “mais pressão” para reabertura da estrada. Autarca local afirma que Câmara tem feito todos os possíveis, mas que entidades só reabrem a via com total segurança

JOÃO ALVES

Um grupo de empresários de Manteigas, do turismo à restauração e comércio, foi na passada quarta-feira, 19, à reunião pública do executivo camarário mostrar a sua “total disponibilidade” para participar em novas formas de luta para a reabertura da Estrada Nacional 338, fechada desde Dezembro de 2022, pedindo o apoio da autarquia para uma contestação conjunta.

Daniela Teixeira, empresária que representou o grupo, lembrou que há “muita gente que foi afectada nos seus negócios após o fecho” e perguntou que passos podem ser dados para pressionar as entidades competentes. “É preciso fazer alguma coisa” vinca. A empresária pediu uma calendarização dos estudos a serem realizados, de início e fim de obras, porque o fecho está “a penalizar o turismo e comércio de Manteigas”.

Já Bruno Tacanho, outro dos empresários, afirma que não existem prazos para a reabertura da via “mete medo, porque tudo está a ser muito lento” e garante que nos últimos tempos não têm caído pedras de grande dimensão na estrada. “Se acha que o contributo dos empresários pode ser útil na reivindicação, estamos disponíveis para o fazer” garantiu.

O tema da Estrada Nacional 338 tem dominado as últimas reuniões do executivo. No início do mês, Flávio Massano, confrontado pelos vereadores da oposição sobre o tema, disse que “muito me vai na alma”, que tem feito a pressão política “necessária nos locais próprios, pela diplomacia”,



“

**Não estamos a dormir,
nem resignados ou
contentes”**

e que até chegou a sugerir a abertura de uma só faixa, mas que as respostas que recebe quer do Governo, quer das Infraestruturas de Portugal (IP), é que a estrada só reabrirá com “total garantia de segurança”. Na quarta-feira, Massano revelou que esta semana está prevista uma visita de campo por parte dos técnicos do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), a quem a IP pediu um estudo de estabilidade da encosta, para “identificar as áreas prioritárias a intervir” e que assim que o estudo seja feito tem a garantia do Governo de que a obra “começa logo”, mas “continuamos a não ter prazos”. “Disponibilizámos a, se fosse para acelerar o processo, pagarmos nós o estudo, feito por uma empresa privada. Todo o executivo está do vosso lado. Não estamos a dormir, nem resignados ou contentes. Quase

todos os dias o assunto da estrada é o assunto” garantiu aos empresários.

Flávio Massano diz que a estrada “não abre por pressões”, que está a fazer “o possível e impossível” pela via, e que apesar de desde meados de Março não caírem pedras de grande dimensão, lhe foi garantido pelo secretário de Estado das Obras Públicas que “não há qualquer possibilidade de abrir qualquer via, seja lá ela a que for, sem condições de segurança”.

O NC pediu, por escrito, quer à secretaria de Estado do Turismo, quer das Obras Públicas, esclarecimentos e prazos, mas até agora não obteve resposta. Já a IP, em ofício enviado ao jornal, diz que continua “empenhada” em articulação com a autarquia, GNR e baldios, com o apoio do LNEC, em definir “as medidas necessárias e fundamentais que permitam a

Segundo a IP, a queda de pedras da encosta “mantém-se” e o troço só reabre quando houver garantias de segurança para quem lá circula

reabertura, em segurança, da EN338”, que liga os Piornos a Manteigas. E diz que o próximo passo é proceder “ao reconhecimento das encostas e das acções necessárias adoptar”, e que a reabertura dependerá “da capacidade de proceder às intervenções e do tempo necessário à sua implementação”, desde que “garantidas que estejam as condições de segurança no mínimo equivalentes às que se verificavam antes dos incêndios”. A IP diz ainda que a queda “aleatória de pedras”, das mais variadas dimensões, se “tem mantido”, com algumas a destruírem mesmo a plataforma rodoviária.

A EN 338 liga Manteigas e os Piornos, sendo uma das principais vias de acesso ao Maciço Central da Serra da Estrela, ligando o concelho manteiguense ao da Covilhã (distrito de Castelo Branco) e a Seia (distrito da Guarda).

O QUE VEM À REDE



DN **DN.PT**
Sondagem Aximage
para DN e TSF

Primeiro-Ministro contém a queda livre. Presidente continua o mais popular. Vieira da Silva tem imagem positiva Galamba é para esquecer.



MAREFOZ
Prémio Nacional de Inovação

Em Quiaios, chouriços com algas. E com reduzido teor de sal.




130 Anos de Miró. Um símbolo da Catalunha, e um dos mais influentes artistas do século XX. Faria 130 anos a 20 de Abril.

Fundació Joan Miró
Barcelona

FUNDACIÓ JOAN MIRÓ
www.fmirobcn.org/es/



Rússia acusa Evan Gershkovich de espionagem. Jornalista do Wall Street preso na Rússia, enfrenta condenação que o pode levar a 20 anos de prisão. → www.dn.pt/internacional



VOZES DO POVO
AQUI CHEGAM AO SEU

O VALOR DO SUBSÍDIO DE ALIMENTAÇÃO NOS TÊXTEIS

“Dois euros é um valor escandaloso. Não consigo entender como há alguém que continua ir trabalhar assim sem exigir actualização de valores”
→ Sílvia Mendes

“Era dar esse dinheiro ao patrão a ver o que ele comia com essa quantia, de dois euros e 47”
→ Margarida Pereira

“Como é possível uma entidade patronal ter coragem de dar esse valor aos seus colaboradores, não é humano. Isso é miserável...”
→ João Carlos Silva

Acompanhe-nos on-line:
noticiasdacovilha.pt

DESPORTO

CONTAS MAIS COMPLICADAS

DERROTA DITA “FINAL” NO JAMOR

Sporting da Covilhã perde em casa com o Mafra. Domingo, tem jogo quase decisivo frente à B SAD

JOÃO ALVES

Minuto 92. Aponza, na área, de pé direito, atira ao lado da baliza do Mafra. Minuto 93: Fati aproveita passividade serrana e faz o 1-2 para os forasteiros. Num minuto, o Sporting da Covilhã passou, na passada segunda-feira, de potencial vencedor a derrotado, em jogo da 29ª jornada da II Liga, e acabou por marcar para o próximo domingo, no Estádio do Jamor (11 horas), uma autêntica “final” frente à B SAD, no que diz respeito às contas da manutenção. Os azuis, em zona de play-off de manutenção, têm mais seis pontos que os verdes, quando faltam apenas cinco jornadas para o fim, pelo que uma derrota serrana no domingo será quase o adeus definitivo aos escalões profissionais.

Na segunda-feira, em casa, frente a uma equipa tranquila, a meio da tabela, o Covilhã sabia que, após quatro derrotas consecutivas, a margem para errar era quase nula. Até entrou melhor, com um primeiro remate de Lucho, fora da área, à figura de Samu, mas a resposta do Mafra foi letal. Perda de bola de Casagrande à entrada da área contrária (serranos pediram falta, que árbitro, Nuno Almeida, não atendeu), contra-ataque rápido pela esquerda, com o irrequieto Fati a isolar-se na área e a assistir Loide Augusto que, pelo centro, picou a bola sobre Bruno Bolas, sem hipóteses de defesa.

O Covilhã entrava praticamente a perder, frente a um Mafra que, fruto da tranquilidade, ia trocando a bola a belo prazer. E só mesmo de bola parada ia assustando, já que em termos de futebol corrido, era o Mafra que criava mais jogo, quase sempre pela esquerda, onde o adaptado central Casagrande, a jogar a lateral, pareceu quase sempre “peixe fora de água” na posição. Aos 18, na sequência de um canto, Jaime cabeceou por cima da baliza de Samu, o que também fez, na sequência de um livre, Ângelo, aos 25 minutos. A única grande ocasião de golo chegou pelo



Aos 91, explosão de alegria no Santos Pinto, com o empate, por Traquina. Aos 93, balde de água frio, com segundo golo do Mafra

FILIPE PINTO

quase “herói improvável” Casagrande. Que, se a defender sentiu sempre grandes dificuldades frente a Fati, aos 46 minutos quase era “perdoado” pela bancada verde e branca. Livre à entrada da área, em zona frontal, e o central, de pé direito, a atirar com estrondo à trave da baliza do Mafra.

Ao intervalo, Alex Costa percebeu que era pela direita da defensiva serrana que surgiam mais problemas, retirando Casagrande, baixando Gilberto para a posição e metendo Felipe Dini no miolo. O Covilhã melhorou, mas o Mafra estava confortável no jogo, pelo que, sem surpresa, esteve perto do segundo, com Pedro Lucas, na cara de Bruno Bolas, a permitir a defesa do guardião serrano, aos 50 minutos. Mas os “leões” não desistiam e, mesmo que muitas vezes em esforço, iam porfiando. Com a entrada de Zé Tiago, o Covilhã passou a ter

mais bola e, aos 60 minutos, quase empatou. Jogada de insistência de Fatai, na esquerda, que fletiu para dentro e rematou forte, proporcionando a Renan (Samu saiu ao intervalo lesionado) a defesa da tarde no Santos Pinto. Cinco minutos depois, de novo Zé Tiago a furar pela esquerda e a cruzar atrasado, sem que ninguém surgisse para o desvio, e pouco depois foi mesmo o “baixinho” que, na área, após cruzamento de Lucho, atirou de cabeça por cima da baliza.

Alex Costa, a 15 minutos do fim, colocava toda a “carne no assador”, retirando Gilberto e Lucho, e metendo Kukula e Traquina, o Covilhã carregava, mas não se livrava de novo susto, aos 78, quando João Goulart, sozinho na pequena área, de cabeça, falhava aquilo que parecia um golo fácil para o Mafra.

Até que vieram os descontos. Aos

1-2

Durante 90 minutos, Fatai foi sempre dos mais inconformados e perigosos no ataque do Sporting da Covilhã

91, explosão de alegria no Santos Pinto. Fatai, na direita, a descobrir Traquina na quina da área, que de pé direito remata cruzado, sem hipóteses para Renan. Era o empate, e o Covilhã a acreditar na reviravolta, que quase surgiu quando Aponza, de pé direito, atirou perto do poste esquerdo da baliza do Mafra. No minuto seguinte, balde de água fria. Equipa serrana desorganizada, passividade na área, onde os jogadores do Mafra fizeram o que quiseram, até passarem atrasado para Fati, de pé direito, atirar a contar. Era o desânimo nas hostes serranas que não perdoaram, apupando a equipa e até exibindo alguns lenços brancos.

Domingo, no Jamor, caso ganhe, o Covilhã consegue um “balão de oxigênio” que lhe permite sonhar ainda com a manutenção nas quatro últimas jornadas. Perdendo, será praticamente o adeus à II Liga.

DESPORTO



FUTSAL

FUNDÃO “TRAVA” SPORTING

Apesar das tentativas, desta vez, Cavinato não fez o gosto ao pé, ao contrário de Thales, que apontou dois golos fundanenses

Desportiva empata a três bolas com líder do campeonato

JOÃO ALVES

A Desportiva do Fundão, que na ronda anterior ganhara no pavilhão da Luz, empatou no sábado, em casa, frente ao líder do nacional da primeira divisão de futsal, o Sporting, a três golos, em jogo da 21ª jornada da fase regular.

Num jogo emotivo, e reviravolta no

marcador, a Desportiva marcou cedo, aos cinco minutos, por Thales e aos dez ampliou, por Wesler. O campeão nacional reagiu, mas até ao intervalo não marcou.

Na segunda parte, os homens de Nuno Dias deram a volta ao marcador. Aos 27 Pany Varela reduziu, aos 30, Alex Merlim empatou e um minuto depois, por Pauleta, os “leões” deram a volta. O Sporting desperdiçou depois hipóteses de ampliar a vantagem, o Fundão acreditou, apostou no 5x4 e aos 39, empatou, com novo golo de Thales.

Com este resultado, o Sporting manteve a liderança, mas agora apenas com mais um ponto que o Braga de Joel Rocha, quando falta apenas uma jornada para o fim da primeira fase. A Desportiva é sétima, lugar que deverá manter, pelo que nos play-off cruzará com o segundo classificado, ou seja, Braga...ou Sporting. Na última ronda, os fundanenses deslocam-se ao terreno do já despromovido Fustal Azeméis, no sábado, 29, às 20 horas.

BREVES

II TORNEIO “FÁBIO GUERRA”

■ O Clube Desportivo da Covilhã (CDC), em parceria com o Académico dos Penedos Altos e União de Freguesias Covilhã/Canhoso, promove no dia 6 de Maio, entre as 9 e 18 horas, IIº Torneio “Fábio Guerra” de basquetebol em mini 12, no Pavilhão do CDC.

Este torneio tem como objectivo homenagear a memória do ex-atleta e árbitro de basquetebol Fábio Guerra.

FUTSAL JUNTA FREGUESIAS

■ A Câmara da Covilhã promove entre 26 de Maio e 8 de Julho um torneio inter-freguesias, de futsal, nos escalões de sub-17 e maiores de 18.

Os interessados em participar nesta iniciativa devem dirigir-se à Junta de Freguesia da sua área de residência e preencher o formulário aí existente. Os jogos serão realizados nos diversos pavilhões do concelho.



DISTRITAL DE C.BRANCO

SERNACHE CAMPEÃO

■ Quando ainda faltam três jornadas para o fim da prova, o Vitória de Sernache é já campeão distrital de Castelo Branco, regressando aos nacionais, de onde desceu no ano passado.

A equipa do Pinhal dominou a

prova desde início e no domingo carimbou o regresso ao Campeonato de Portugal com uma expressiva vitória sobre o agora quarto classificado, Proença, por 4-0.

Em segundo segue o Pedrógão, que

em casa bateu o Idanhense por 2-1 e voltou a garantir, pelo segundo ano seguido, um lugar na primeira eliminatória da Taça de Portugal. No outro jogo, o Fundão bateu o Moradal por 2-1 e segurou a terceira posição, para já.

PUBLICIDADE

foto
académica
Filipe Pinto

REPORTAGENS FOTOGRAFIA E EM VÍDEO DE:
CASAMENTOS, BAPTIZADOS, ANIVERSÁRIOS E FESTAS
TUDO PARA COMUNHÃO E BAPTIZADOS | ARTIGOS RELIGIOSOS | FOTOGRAFIA DIGITAL

Escadas do Quebra Costas nº 2, 6200-170 Covilhã
E-MAIL: fotoacademica@hotmail.com | TEL.: 919 487 978 | 964 196 950

CULTURA



ESTREIA SEXTA-FEIRA FUTEBOL INSPIRA NOVA CRIAÇÃO DA ESTE

“Nas orelhas da bola” é a nova peça da companhia de teatro sediada no Fundão

JOÃO ALVES

O que é que é o futebol, como fenómeno que aglutina, globaliza e apela ao irracional? É um pouco sobre isso

que reflecte a nova peça da ESTE-Estação Teatral, companhia de teatro sediada no Fundão, que amanhã, sexta-feira, 28, se estreia em palco na Moagem, às 21 horas e 30.

A 46ª criação da ESTE intitula-se “Nas orelhas da bola” e estará em cena até dia 7 de Maio. E é o resultado de um projecto que envolveu cerca de 600 alunos de 12 escolas do

concelho. O espetáculo terá apresentações, às sextas e sábados às 21:30, e aos domingos, às 17 horas.

“Nas orelhas da bola” é uma criação colectiva, com interpretação de Joana Poejo e Samuel Querido, desenvolvidas no âmbito do projecto de mediação de públicos “VER-FAZER”, no ano lectivo 2022/23, com cerca de 600 alunos de 12 escolas

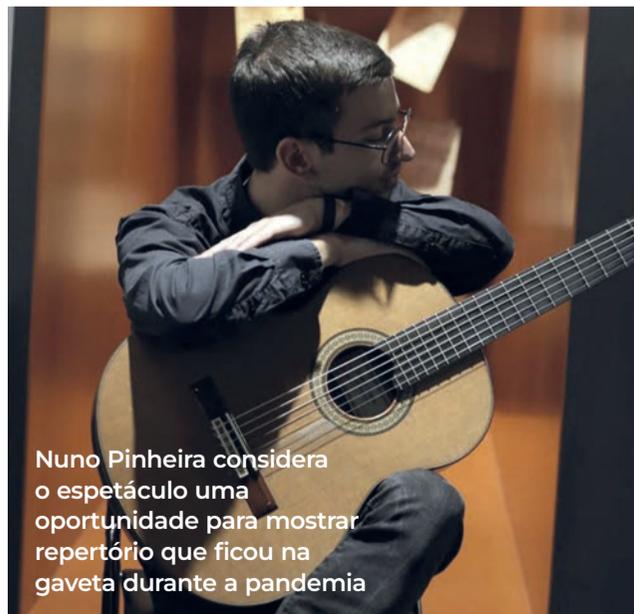
“Nas orelhas da bola” reflecte sobre um fenómeno desportivo que atrai multidões

do concelho do Fundão - Alcaide, Aldeia de Joanes, Atalaias, Donas, Fundão (Tílias, Senhora Conceição, Serra da Gardunha e Santa Teresinha), Soalheira, Telhado, Vale de Prazeres e Valverde.

A ESTE tem vindo a desenvolver este projecto nos últimos 18 anos, junto das escolas do 1º ciclo do município do Fundão, “mantendo a sua matriz de impulsionador sinérgico entre a companhia e a comunidade escolar, procurando desenvolver um espectáculo a partir dos impulsos sugeridos no contexto de sala de aula” explica em comunicado.

Na sinopse da obra, lembra-se que o futebol é “desporto para uns, paixão para outros, é também facilitador de vínculos familiares, trabalho, comprometimento, distração, inclusão, disciplina, memória, negócio, identidade, ideologia ou simplesmente um desbloqueador de conversa que muitas vezes retira o emissor da solidão. São todas estas frentes separadamente, mas também ao mesmo tempo”. “Jogadores são “estrelas”, equipas são “galácticas”, salários são “astronómicos”, numa órbita que atrai massas como satélites. Diz-se que quando duas pessoas olham em simultâneo a lua, mesmo que distantes, é como se olhassem uma para a outra. E se, através de um evento que se reveste de motivações diversas para a ele aceder, conseguíssemos que anónimos se entreolhassem com vontade de ver?” adianta ainda.

O espectáculo, com encenação, dramaturgia, cenografia e figurinos da ESTE, conta com a direcção artística de Tiago Poiares e Sofia Cabrita, desenho de luz e operação técnica de Pedro Fino e direcção de produção de Alexandre Barata.



Nuno Pinheira considera o espetáculo uma oportunidade para mostrar repertório que ficou na gaveta durante a pandemia

MÚSICA

COVILHANENSE EM RECITAL A SOLO NO MUSEU NACIONAL

■ O guitarrista covilhanense Nuno Pinheira, de 22 anos, actua dia 29 de Abril, às 16:00, no Museu Nacional da Música, onde apresenta o seu espectáculo Transfiguração.

O recital a solo do músico inclui obras de J. S. Bach, M. M. Ponce e N. Koshkin.

Para o também professor de guitarra na Academia da Banda da Covilhã, “Transfiguração” pretende mostrar a “forma como a música e a vida se transfiguram entre si”, considerando-o uma “oportunidade para mostrar algum do repertório que

ficou dentro de uma gaveta durante o tempo da pandemia”.

Nuno Pinheira, licenciado em Música e a frequentar o mestrado em Ensino da Música, iniciou os estudos musicais aos nove anos no Conservatório de Música da Covilhã.

GUIA

AGENDA

MOULLINEX NA GUARDA

■ Moullinex é o alter ego do produtor português, DJ e multi-instrumentista Luís Clara Gomes. Tem criado música que tanto vive dentro dos limites da pista de dança, como permite introspeção ao ser escutada na intimidade dos headphones.

→ TMG, sexta-feira, 28, 21:30H



DR

ARTE NA PANDEMIA

■ Pode ver em Manteigas a exposição de pintura Pandemi(Arte) em tempos de confinamento, de José Duarte Saraiva.

→ Sala de exposições, até 7 de Maio, das 15 às 19 H

A NÃO PERDER

OS QUATRO E MEIA EM ALCAINS



ARLINDO CAMACHO

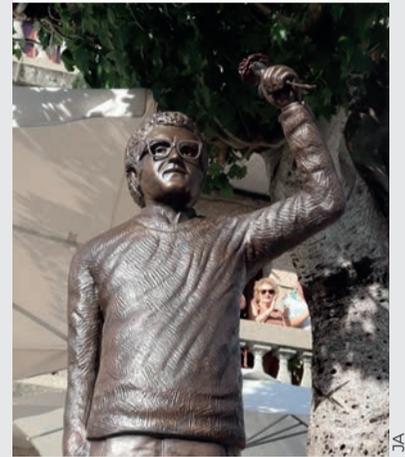
05
MAIO

22:00H
EB JOSÉ SANCHES

■ O grupo de Coimbra Os Quatro e Meia actua dia 5 (sexta), no âmbito do Portugal Cheese Festival, evento que surge em vez da tradicional feira do queijo de Alcains. Até 7 de Maio pode ainda ouvir os DAMA (6) e Sebastião Antunes & Quadrilha (7), contando o evento, nos três dias,

com o humorista Eduardo Madeira. Segundo a organização, trata-se de “uma nova vida” da antiga feira, com o objectivo de unir num evento associado ao sector do queijo as componentes de conhecimento, comercialização, experimentação e de lazer.

LIVRO



“JOSÉ AFONSO, TODAS AS CANÇÕES”

■ É apresentado no sábado, em Belmonte, o livro “José Afonso, todas as canções”, pela Associação José Afonso (AJA) Covilhã/Belmonte. O evento conta com um momento musical pela Escola de Música local e encerramento com Carlos Vasconcelos.

→ Museu Judaico, sábado, 29 Abril, 15 H, Belmonte

PARA VER

DANÇA EM DIÁLOGOS

■ No Dia Mundial da Dança, que se assinala sábado, 29, às 21h30, o TMC~ apresenta o espectáculo “Não Canteis a Valsa, três cadernos em dueto”, pela companhia Dança em Diálogos. Trata-se de um bailado inter-artístico concebido para cinco bailarinos e dois pianistas, que

propõe um modelo performativo híbrido onde se dissipa a fronteira entre bailado e concerto. Um diálogo vivo entre música e dança que tem como ponto de origem as Melodias Rústicas Portuguesas do compositor Fernando Lopes-Graça (1906-1994).

29
ABR.

21:30H
TMC SÁBADO



CRÉDITO FOTO

O PAÍS E O MUNDO

A RESOLUÇÃO 181

75 ANOS DE ISRAEL

A ONU aprovou, com 33 países a votarem favoravelmente, a partilha da Palestina, até então sob mandato britânico, "rasgou" o white paper, que na prática tinha impedido a criação de dois estados, e proclamou a criação do Estado Judeu. Após anos de instabilidade na região, e de espera, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os judeus teriam finalmente a sua Terra Prometida. A 14 de Maio, Israel fará 75 anos. Os árabes nunca aceitaram a cedência do território, e poucas horas após a declaração de independência, a região entrou em guerra, que durou

um ano e meio, e fez milhares de vítimas. A ONU mediou a paz, e distribuiu os territórios pelos contendores. Esta zona do Médio Oriente, território onde se situa Israel é, para judeus, cristãos e muçulmanos, considerado Terra Santa, mas de santa nada tem. Não há paz, é pasto de permanentes conflitos e de violentos confrontos entre israelitas e palestinianos. Arafat que se iniciou na luta armada, considerado um perigoso terrorista por Israel, reconheceu o seu erro, e o direito de existência do antagonista, e em 1988, defendeu a solução dos dois

estados. Cinco anos mais tarde, com o Acordo de Paz de Oslo, assinado por Arafat, Yitzhak Rabin e Shimon Peres, viveu-se talvez o momento da história, em que mais perto se esteve de uma solução pacífica para os dois povos. Nos anos seguintes, o trio recebeu o Prémio Nobel da Paz, mas foi sol de pouca dura. O extremismo continua a ser a imagem de marca da região. É sob este signo que se assinala o 75º aniversário da criação do estado de Israel, e do mesmo modo, a manutenção do conflito, e a continuação de afastamento.

FF/Redacção



Por cá. Uma linha onde passa o comboio, que mais não é que um cinzeiro

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

DIA MUNDIAL DA TERRA

■ O que importa sublinhar, quando a cada ano que se assinala o Dia Mundial da Terra, percebemos que temos cada vez menos Terra?! O discurso oficial, seja das Nações Unidas, seja de outros países que movem influências, é basicamente sempre o mesmo, e diz; É preciso agir imediatamente. E nós, o que fazemos? Ouvimos. Todos os anos. Sem agir. Ano após ano. A União Europeia e a ONU chamam-lhe Mãe Terra, mas nem isso faz com que a tratemos menos mal. A Terra sofre cada vez mais. E uma das mais desastrosas e imediatas consequências, é a escassez de água. Dois mil milhões de pessoas não têm acesso a água potável e 3,6 mil milhões não têm acesso a saneamento. A juntar a estes números miseráveis, a forma como nós, cidadãos avisados, de um país civilizado, continuamos a exibir uma total irresponsabilidade, no modo de destratar o Meio Ambiente. A imagem que ilustra este texto, mostra uma linha de caminho de ferro numa estação de comboios, transformada num gigante cinzeiro. Por estes dias, em Portugal.

FF/Redacção



Apesar dos acordos de paz, extremismo continua a ser imagem de marca da região

RICHARD ZIMLER

A ALDEIA DAS ALMAS DESAPARECIDAS

■ Por ter sido o Dia do Livro, por ser quem é, por ser um americano em Portugal, e pela história romanceada se passar em parte, numa das mais belas Aldeias Históricas de Portugal. Por tudo isto, e não parece pouco, "O País e o Mundo" do Notícias da Covilhã folheou o ípsilon, suplemento das sextas-feiras do jornal Público,

e desvenda-lhe um pouco de "Aldeia das Almas Desaparecidas", romance histórico de Richard Zimler, escritor novaiorquino, residente em Portugal há mais de 30 anos, e autor de uma vasta obra. É em Castelo de Rodrigo que grande parte da escrita se desenrola, e conta, como Zimler refere, "a história de um jovem que

tinha sofrido a Inquisição. Ele, a sua família, a sua aldeia, a região, Portugal inteiro". Ou como o Santo Ofício foi tão marcante para o nosso país. A "Aldeia das Almas Desaparecidas", originalmente escrito em inglês, língua materna de Zimler, foi traduzido pela Porto Editora.

F/Redacção



Último romance de Richard Zimler tem como pano de fundo Castelo Rodrigo, no distrito da Guarda

PUBLICIDADE

PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO

ENCONTRE AQUI O SEU JORNAL GRATUITO:



- | | |
|---|---------------------------|
| 1. Banda da Covilhã | 13. Biblioteca da Covilhã |
| 2. INATEL da Covilhã | 14. Serra Shopping |
| 3. Quiosque Estrela 2000 | 15. Ciências, UBI |
| 4. Restaurante Montiel | 16. CM Guarda |
| 5. Hotel Solneve | 17. CM Manteigas |
| 6. CM Covilhã | 18. G. Desp. Teixosense |
| 7. Balcão Único | 19. Junta Freg. Teixoso |
| 8. Engenharias, UBI | 20. CTT do Teixoso |
| 9. Biblioteca Central, UBI | 21. Mepisurfaces |
| 10. Polo 1, UBI | 22. Centro Hospitalar |
| 11. Leões da Floresta | 23. CM Belmonte |
| 12. União de freg. de Covilhã e Canhoso | 24. Junta Freg. Belmonte |
| | 25. Twintex |

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

PUBLICIDADE

ANUNCIE NO NOTÍCIAS DA COVILHÃ
 comercial@noticias da covilha.pt – 275 035 378

NOTÍCIAS DA COVILHÃ